

Nogueira, Marco Aurélio. *As desventuras do liberalismo: Joaquim Nabuco, A Monarquia e a República*. Paz e Terra, 1984, 227 p.

*Res. por Oracy Nogueira*

Departamento de Ciências Sociais — FFLCH/USP

O anseio generalizado por democratização que hoje se nota na sociedade brasileira está suscitando um interesse renovado pelo papel que os liberais e o liberalismo têm desempenhado nos movimentos políticos, no País. Daí a oportunidade deste estudo de Marco Aurélio Nogueira sobre as vicissitudes do liberalismo brasileiro, das últimas décadas do regime monárquico às primeiras do republicano, em que toma como fio condutor a biografia de um de seus principais representantes.

O objetivo do estudo é apreender a visão de mundo de Joaquim Nabuco e, através de uma exposição histórico-sistemática como a preconizada por Lukács, buscar as conexões entre sua produção teórica e o contexto político e ideológico que vai de 1870 a 1910, considerado pelo Autor como correspondente à fase de formação do Brasil moderno, de modo a “refletir sobre a gênese, a especificidade e as funções do liberalismo brasileiro”.

A escolha de Joaquim Nabuco se justifica pelo fato de se tratar de um dos mais lúcidos políticos e reformadores sociais do período de transição entre a Monarquia e a República e de um dos intelectuais brasileiros mais respeitáveis pela contribuição à análise da sociedade nacional e suas tendências.

O Autor mostra a trajetória política e ideológica de Nabuco, da tendência republicana da juventude ao abolicionismo, do apoio crítico à Monarquia à rejeição da República, com a idealização retrospectiva do velho regime, a defesa do federalismo e, na última fase, a reconciliação crítica com a República e o ideal americanista.

O movimento abolicionista corresponde à fase mais radical de Nabuco como reformador social e lhe vale a acusação de “anarquista, comunista,

petroleiro”, quando não passava de um renovador aristocrata ou de um “liberal utilitário”.

No que toca ao contexto social e político, Marco Aurélio Nogueira, com os recursos teóricos e metodológicos contemporâneos, de certo modo repete o percurso de seu biografado que, para melhor compreender os problemas sociais e políticos que tornavam perplexa sua geração, recuou ao passado imediato, tomando como fio condutor a vida do próprio pai que, como ele, fora participante e observador dos principais acontecimentos políticos de sua época.

As vacilações, incoerências ou contradições de Joaquim Nabuco são vistas como expressões da incongruência entre as idéias liberais e a conformação da sociedade nacional, com as profundas desigualdades que a marcavam e ainda hoje a caracterizam. A estrutura oligárquica da sociedade nacional faz com que os liberais, membros da minoria privilegiada, se preocupem antes com a liberdade da nação que com a do indivíduo, sem conseguirem ser consequentemente democráticos: — “Não devem espantar portanto a convergência entre liberais e conservadores ao longo do império, nem o horror à revolução que encontramos em praticamente todos os políticos do período: todos eram de uma ou outra forma conservadores, embora bem poucos recusassem a definição de liberais.”

Segundo o Autor, enfim, no Brasil, o liberalismo sofre as distorções impostas por uma sociedade de tendência prussiana, isto é, em que os projetos de transformações são filtrados por uma minoria privilegiada que impõe seus desígnios, autoritariamente, de alto a baixo. Daí as transformações que vêm ocorrendo desde o século passado assumirem antes a forma de modernização dirigida do alto quê de democratização.

Por mais que pese o paradoxo de Hegel, segundo o qual “a História ensina que a História nada ensina”, recuos ao passado, como o que empreende Marco Aurélio Nogueira, são bem-vindos pela perspectiva que ensejam em relação ao presente e ao futuro da sociedade brasileira. Ainda mais num presente pleno de agruras e que impele à preocupação com o futuro, quer pelo temor de que nele se reproduzam as mazelas atuais, quer pela esperança de que sejam ultrapassadas.